

1

**Leia o texto a seguir.**

Uma vez que despojei a vontade de todos os estímulos que lhe poderiam advir da obediência a qualquer lei, nada mais resta do que a conformidade a uma lei universal das ações em geral que possa servir de único princípio à vontade, isto é: devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal.

(KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995. p.17.)

**Com base no texto e nos conhecimentos sobre a moral kantiana, disserte sobre a formulação do Imperativo Categórico.**

### QUESTÃO 1 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

**Conteúdo programático:** 1º Eixo Temático: Problemas Políticos e Éticos na Filosofia. Problema ético: liberdade, emancipação e dever. Questão de referência: a questão de justiça. Autor de referência: Kant.

**Resposta esperada:**

O imperativo categórico é um procedimento formal dado pela própria razão humana, independente de valores, costumes e tradições, para discriminar máximas de ações, visando, assim, verificar quais ações têm aptidão para a universalização, ou melhor, para compor uma legislação universal. As máximas de ação (pretensão subjetiva do querer) que não passam no teste de universalização do imperativo categórico são consideradas imorais, isto é, não podem ser validadas moralmente. Aquelas, porém, aprovadas e universalizadas pelo imperativo categórico são consideradas leis morais e encontram autorização para serem praticadas por todo ser racional. Quando o cumprimento da lei moral se dá apenas em conformidade à lei, tem-se a produção de ações adstritas ao campo da legalidade. Quando, porém, a lei moral é realizada por estrito dever, a ação alcança a realização plena da moralidade.

**Leia o texto a seguir.**

Dado que a racionalidade instrumental só se refere à correta eleição entre estratégias, à adequada utilização de tecnologias e à pertinente instauração de sistemas (em situações dadas para fins estabelecidos), ela prescinde da tematização social. Essa racionalidade estende-se, além disso, apenas às situações de emprego possível da técnica e exige, por isso, um tipo de ação que implica dominação quer sobre a natureza ou sobre a sociedade. A ação racional dirigida a fins é, segundo a sua própria estrutura, exercício de controle.

(Adaptado de: HABERMAS, J. *Técnica e Ciência como Ideologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1997. p.46.)

**Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Habermas, disserte sobre a distinção entre racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa.**

**QUESTÃO 2 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA**

**Conteúdo programático:** 2º Eixo Temático: Problemas Epistemológicos na Filosofia. O problema ético da relação entre ciência e técnica: a racionalidade instrumental. Autor de referência: Habermas.

**Resposta esperada:**

Habermas estabelece dois modelos de racionalidade: a racionalidade instrumental e a racionalidade comunicativa. A racionalidade instrumental é balizada pelo paradigma sujeito-objeto e corresponde à ação pela qual o sujeito manipula e instrumentaliza o objeto em benefício próprio. A racionalidade instrumental é aplicada, sobretudo, na relação que o homem mantém com a natureza, manipulando-a e instrumentalizando-a em benefício de seus interesses. Portanto, no interior do paradigma da razão instrumental, ocorre um exercício oculto de dominação, haja vista que o homem, ao agir de forma instrumental para com a natureza, deseja, enfim, sua dominação. Por sua vez, a racionalidade comunicativa se vale do paradigma sujeito-sujeito e busca aferir que entre sujeitos há um processo de interação social balizado pelo uso da linguagem comum. Portanto, a linguagem apresenta-se como o elo indispensável que garante a interação social entre sujeitos nos contextos discursivos. Nestes contextos, o pressuposto fundamental da racionalidade comunicativa é a simetria e a igualdade dos participantes que se submetem (ou ao menos deveriam) apenas à coerção do melhor argumento.

Em sua obra *Poética*, na parte VI, Aristóteles apresenta a clássica definição de tragédia:

É pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com várias espécies de ornamentos distribuídos pelas diversas partes do drama, imitação que se efetua não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o temor e a piedade, tem por efeito a purificação das emoções.

(ARISTÓTELES. *Poética*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1987. p.205.)

Explique essa definição de tragédia de Aristóteles, destacando os aspectos mais importantes e o seu significado na *Poética*.

### QUESTÃO 3 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

**Conteúdo programático:** 3º Eixo Temático: Problemas Estéticos na Filosofia. O problema do belo e da experiência estética. Questão de referência: a questão da mimesis. Autor de referência: Aristóteles.

**Resposta esperada:**

A definição de Aristóteles começa destacando que a tragédia é imitação. Ao contrário de Platão, que condena a arte pelo fato de ser cópia da cópia, isto é, por estar afastada da verdade, Aristóteles entende que o que a arte imita são os aspectos que envolvem o caráter, as emoções e as ações (ROSS, D. *Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote, s/d). Com isso, Aristóteles se afasta da leitura de Platão ao destacar que a imitação não possui como objeto o mundo sensível, mas o “espírito humano”. Imita ações de cunho elevado, na medida em que o espetáculo assim o exigir. Normalmente, a tragédia tende a imitar os homens melhores do que eles o são. A tragédia também deve ser completa e de certa extensão. O espetáculo deve ter começo, meio e fim, que guardam relação e sejam coerentes entre si. Além de completa, deve ter uma certa extensão, que não seja breve ou extensa em excesso, e possa ser lembrada. Por fim, a tragédia deve provocar piedade, temor e purificação das emoções. A piedade deve advir dos sofrimentos que já foram ou que estejam sendo vivenciados pelo herói. O temor deve resultar daqueles que virão. A causa final da tragédia ocorre mediante a purificação das emoções, fato que permite ao homem ampliar a experiência humana.

No final de sua vida, Francis Bacon escreveu um livro que recebeu o título de *Nova Atlântida*. A obra, de certa forma, pode ser classificada como um texto que fala sobre “ciência e utopia”.

Em uma passagem, Bacon afirma:

As leis da natureza são Tuas próprias leis, e não as modificas a não ser por um grande motivo, nós humildemente Te suplicamos favorecer este grande sinal, e nos dar a interpretação e o seu uso por misericórdia; o que, em parte, tacitamente prometeste enviar-nos.

(Adaptado de: BACON, F. *Nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultura, 1997. p.230.)

Mais adiante, o autor prossegue:

O fim de nossa instituição é o conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de todas as coisas que forem possíveis. Os preparativos e os instrumentos de que dispomos são os seguintes: possuímos amplas cavernas, com vários graus de profundidade. Chamamos a essas cavernas de regiões inferiores e usamo-las para todas as experiências de coagulação, endurecimento, refrigeração e de conservação dos corpos.

(Adaptado de: BACON, F. *Nova Atlântida*. São Paulo: Nova Cultura, 1997. p.245.)

Explique como Bacon trata a relação entre ciência e utopia.

#### QUESTÃO 4 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

**Conteúdo programático:** 2º Eixo Temático: Problemas Epistemológicos na Filosofia. O problema da ciência, conhecimento e método na Filosofia. Questões de referência: a questão da sensibilidade, razão e verdade; a questão do método; a questão da ciência e a crítica ao positivismo. Autor de referência: Francis Bacon.

**Resposta esperada:**

Ao contrário da República de Platão, que desenvolve o conceito de justiça a partir da boa organização da cidade, a utopia desenvolvida por Bacon na *Nova Atlântida* preconiza que a organização do Estado que proporciona “harmonia e bem-estar” depende fundamentalmente do controle que a ciência exerce sobre a natureza. A Casa de Salomão, entidade que ocupa papel fundamental na obra, direciona suas preocupações muito mais para o controle que a “técnica e a ciência exercem sobre a natureza do que propriamente para questões de cunho econômico ou social”. Ou seja, “é mais importante dominar a natureza do que governar os homens” (ANDRADE, J. [Bacon] *Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p.17). Em torno da instituição central, casa de Salomão, desenvolve-se uma extensa estrutura para dar vazão à pesquisa. A “nova ciência” deixa de lado a especulação para dar lugar à investigação da natureza realizada em etapas e de forma prática. Outro aspecto importante da construção teórica de Bacon é a ideia de ciência como construção de muitos.